**A SALA DE AULA COMO ESPAÇO DE INTERAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO VIA DIÁLOGO**

Francisco Gomes da Silva

(Autor – UERN- [franciskogsilva@hotmail.com](mailto:franciskogsilva@hotmail.com))

Josinaldo Trajano da Costa

(Co-autor – UERN- [josinaldotrajano@hotmail.com](mailto:josinaldotrajano@hotmail.com))

Antônio Rafael de Queiroz Lima

(Co-autor – UERN- [rafael-lima.16@hotmail.com](mailto:rafael-lima.16@hotmail.com)

**RESUMO**

Este trabalho, embasado nos estudos da Sociolinguística Interacional, busca desenvolver uma análise considerando a comunicação desenvolvida face a face, as intenções dos participantes dos eventos no ambiente da sala de aula, envolvendo professor e alunos. Parte-se do entendimento de se ver o citado espaço como um ambiente no qual predomina o processo comunicativo, cujo êxito, para a evolução do ensino-aprendizagem, efetiva-se a partir das intenções dos falantes, no citado momento, sendo essenciais para a boa desenvoltura dos participantes nos eventos de fala; na aula que se marca pelo dinamismo e instabilidade, “não se definindo por modelos estanques”, Marcuschi (2004, p. 2). Para tanto, analisa os papeis sociais, atribuídos às partes envolvidas, bem como os objetivos da aula, lançando o olhar sobre as estruturas de participação e posição dos falantes; ainda aborda sobre a forma de correção ou ratificação de respostas de alunos e a compreensão da identidade. Além disso, comenta sobre as rotinas interacionais neste ambiente da escola, comenta sobre a participação dos alunos em eventos de aula, com olhar para as regras estabelecidas para tal acontecimento; além disso, faz abordagem sobre a aplicação de atividades monitoradas, tece considerações sobre o *locus* interacional e as estratégias adotadas para determinadas práticas, incluindo as implicações de interação na produtividade das rotinas de estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** aluno. interação. professor.

**1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Tomando por base as orientações advindas da Sociolinguística Interacional, abordam-se aqui situações decorrentes da prática de sala de aula, buscando-se ver as intenções dos participantes dos eventos, partindo do entendimento de que esta interação realmente ocorre, quando há o reconhecimento por parte dos ouvintes e vice-versa, ocorrendo a partir de recursos verbais, e, sobretudo, por intermédio de pistas contextualizadas, sinais não-verbais, entre outros. O citado espaço se marca por requerer um uma interação face a face, cujo sucesso para o ensino-aprendizagem resulta se houver o necessário reconhecimento pelos participantes dos eventos de fala.

A comunicação de caráter intraclasse não se realiza apenas por intermédio da fala, isto é, dos recursos verbais; tem-se em mente ser um lugar no qual deve haver vários recursos disponíveis (verbais, escritos, prosódicos) com o intuito de contribuir para o coroamento ou não da comunicação. Desta forma, a propositura de analisar os processos interacionais nos quais se incluem professores e alunos se pontua por revelar muitos aspectos em vigência no ensino, ainda podendo contribuir de modo categórico para uma série de indagações suscitadas por esta temática, com especialidade aquela comumente feita: o que, realmente, ocorre em sala de aula?

Este local é o universo da interatividade transcorrida entre discentes e docentes; marca-se por sua vastidão, envolvendo uma elevada gama de diversificadas situações, repleta de aspectos que favorecem ou não a esperada interação entre as mencionadas partes, vendo-se ainda como capazes de contribuir para, dentre as intenções temáticas, o ensino de aspectos lexicais. Necessário se observarem, como fator de contribuição, os eventos interacionais que expõem a rotina dos alunos no seu *locus* de estudos, com atenção especial para as regras estabelecidas, direcionadas a essa participação, inserindo-se, então, os turnos distribuídos para atender as necessidades interacionais, bem como a investigação no tocante ao tipo de tarefas comumente compartilhadas entre professores e alunos em seus cotidianos escolares.

Ainda se inclui nesta abordagem, outro ponto de interação, especificamente voltado para a avaliação da compreensão discente em se falando de tópico de estudo, inserindo-se a avaliação realizada pelo professor e suas consequentes correções e ratificações. Na continuidade, observa-se o monitoramento das tarefas cuja realização se processa em sala, bem como a validade de tal estratégia de ensino, a partir de uma reflexão didático-pedagógica, que também considera a ocorrência de uso habitual ou não das reconhecidas tarefas comunicativas direcionadas ao repasse das instruções.

Tais considerações buscam apontar situações inerentes à realidade do ensino posto em prática, através deste recorte que analisa papeis sociais atribuídos às partes, lança olhares sobre os falantes, inseridos no processo, reflete sobre a prática de correção ou ratificação discente, comenta sobre as rotinas interacionais em aulas, pondera no tocante à participação dos alunos nos eventos cotidianos, considerando as regras estabelecidas para isso pensa sobre as atividades monitoradas, verifica o ambiente interacional, campo dos estudos e influencia nas implicações interativas como forma de influência na produtividade das cotidianas atividades escolares.

**2. A SALA DE AULA COMO ESPAÇO PARA DESEMPENHO DOS PAPEIS SOCIAIS DO PROFESSOR E DO ALUNO**

Para esta discussão, faz-se pertinente questionar sobre a importância de se examinar as atribuições sociais assumidas pelas partes que são envolvidas no contexto da sala de aula. Tal indagação se torna relevante visto conduzir ao tratamento da problemática contextual dos conhecimentos trabalhados no dito ambiente, com atenção voltada para os procedimentos adotados pelos participantes.

Adota-se o entendimento de que conhecer, dentre as muitas atribuições possíveis, é saber, por exemplos, como se mover nas redes sociais, dominar com propriedade o conteúdo de determinados temas, entre outros; enfim, proceder de modo que o conhecer produza a socialização. Defende-se que o fato de saber agir contextualmente é fator determinante para as formas de apreensão dos objetos do discurso, à proporção na qual se permite a capacidade de independência pelos sujeitos em uma escala humana e sólida. Daí a necessidade de se ter uma prática educativa dialógica, levando-se em conta o diálogo como um fenômeno capaz de mobilizar o refletir e agir humanos, conforme se posiciona em:

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2005, p.91).

A aula em si pode ser concebida como um sistema de relações a se manifestar em um conjunto de atividades, cuja expectativa é a sua ocorrência com predomínio da colaboração, mesmo se reconhecendo o fato de não poder ser definida de modo estanque a fim assegurar a sua eficácia. É um momento no qual se unem os atores sociais, no intuito de construírem identidades processuais; porém, é possível não se garantir a esperada estabilidade interativa, sistemática e continuada, em decorrência de relações complexas, imprevisíveis, podendo-se citar as posições assimétricas adotadas pelo professor e pelo aluno. Entretanto, não se pode ver a aula sem o seu dinamismo e a sua instabilidade, é necessário tomá-la como um acontecimento, mesmo ante às complexidades a serem enfrentadas conforme se vê em:

Tomar a aula como acontecimento pressupõem, antes, uma análise e um entendimento acerca da concepção de sujeito, linguagem e de discurso que permeiam os espaços escolares que definem os momentos de docência, os quais se encontram marcados, por desacertos, erros, conflitos, relações de poder, marcas ideológicas e também de inúmeras iniciativas que se fazem necessárias e que precisam ser valorizadas e divulgadas...”. (FREITAS, TENO & BARBOZA, 2016, p. 47).

A necessidade, caso se pretenda tornar a aula um acontecimento, reconheça-se o papel docente e o do discente; porém se sobressaia das muitas limitações impostas e se busque a realização de um trabalho no qual haja a harmônica convivência entre os sujeitos sociais, sendo estes “sujeitos mergulhados no social que o envolve, e preso, pois, da contradição que os constitui” e, sejam capazes de se envolver nos processos de interlocução, conforme cita Orlandi (1996, p.33).

Reforça-se a ideia de que os papeis sociais, aqui referidos, não sejam entidades estanques, tais quais as vestimentas sagradas, trocadas a cada instante interativo, ao assumir uma nova função. Pelo contrário, defende-se o posicionamento de o falante dispor de modos de ação, utilizados à proporção que o discurso flui, de maneira contextual, sendo desnecessário largar um papel antes de incumbir-se de outro. Rejeita-se a necessidade de rigidez para diferenciação quanto aos papeis sociais; defende-se a ideia de se transitar em um sucessivo de ações envolvendo as diversificadas relações de função, revestidas daquilo que é necessário para se agir na sociedade na qual vive.

Desse modo, advoga-se a fim de se levar para as escolas a visão de aula como acontecimento, vendo-se a possibilidade de trazer contribuições para aprendizagem discente, mesmo que isso seja desafiador para as estruturas educacionais em atividade. Conquanto é perceptível a ocorrência de muitas tentativas, iniciativas e realizações de práticas diferenciadas, porém a força do tradicionalismo, as estruturas dos poderes ainda teimam em persistir, como se posiciona em “[...] a atenção ao acontecimento é a atenção ao humano e a sua complexidade. Tomar a aula, como acontecimento é eleger o fluxo do movimento como inspiração, rejeitando a permanência do mesmo e a fixidez mórbida do passado.”, Geraldi (2015, p.100).

Por tudo isso, não se pode conceber a aula como arena de batalhas, mesmo se aceitando a ideia de que estas necessitam de determinado grau de coordenação no tocante às ações individuais daqueles que lutam entre si. Sugere-se a aula ser pensada como *locus* repleto de ações colaborativas, permutadas pelas disputas ocorrentes entre alunos e professores e, dessa maneira, conseguiriam o alcance dos fins que têm em mente, objetivando atingi-los coletivamente.

Por tudo isso, sugere-se não falar em assimetria em se falando da relação professor e aluno; o sugestivo é se falar em “caráter complementar” destinado a produzir a coordenações de ações individuais ao construírem atividades conjuntas. O cerne da questão dos desencontros em sala de aula reside em não procurar encontrar o ponto coordenador para as sugeridas ações, desenvolvidas pelas partes e, desse modo, fazer com elas se convertam, realmente, em atividades concomitantes, cujos resultados enriqueçam a construção do conhecimento.

**3. A SALA DE AULA COMO ESPAÇO PARA TODOS OS PARTÍCIPES: PROFESSORES E ALUNOS**

O preenchimento desse espaço se dá em quase toda a totalidade por intermédio do uso da linguagem, que dá maior relevo às relações humanas em seus mais diversificados contextos individuais e sociais. O elo entre estes dois extremos não se marca por conexão linear, mas se assemelha a um modelo orquestral, no qual comumente a participação e a comunhão soam bem mais alto. Por extensão, na sala de aula, falante e ouvinte se comunicam por intermédio da mensagem processada por meio do ar, da interação face a face, via tecnologia ou ainda por meio impresso.

No intuito de ampliar tal discussão, traz-se a posição de Clark (1996, p. 3) quando introduz a tese de que o uso da linguagem é de fato uma forma de ação conjunta, e por ação conjunta entende-se aquela que é levada a termo por um conjunto de pessoas agindo coordenadamente em relação às outras. O uso da linguagem, portanto, incorpora ambos os processos individuais e sociais. Aqui, segundo o autor entram os participantes das atividades interacionais divididos em três círculos: (a) participantes; (b) ouvintes (incluindo-se os participantes não-ratificados); e todos os ouvintes (dentre os quais, os intrometidos). Para a sala de aula, o viável é incluí-la no grupo onde estão todos os participantes.

No contexto espacial da sala de aula, os alunos, foco de atenção dos professores, são organizados de modo que o olhar docente sobre o aluno é bem mais intenso, dotado de maior frequência e duração. Compete ao “mestre” expor o maior número de pistas não-verbais, vistas como sinais de ouvintes, capazes de indicar para quem ensina se está sendo ouvido e, daí, vem a ratificação. Possivelmente nem todos os estudantes são bons ouvintes, visto comumente os tidos como “atentos”, “atenciosos” assumirem comportamento enfático com o professor, carecendo de atenção especial para os demais que geralmente “não estão prestando a atenção.” Compete a quem ensina interagir com o outro, lutar contra as forças surgidas, pois “o sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro, numa relação dinâmica entre alteridade e identidade.”, Cardoso (2005, p.53).

A realidade é que sempre existem participantes e não-participantes, sendo os primeiros a geralmente pedir a palavra, introduzir tópicos, trazer novas contribuições, provocar descontinuidades, solucionar problemas, entre outros. Por outro lado, os não-participantes se marcam por intrometer-se, adotando posições desinteressantes ou inconvenientes para o momento, embora todos precisem ser vistos como participantes. Desse modo, é justamente sobre os tidos como “não-participantes” que deve recair a atenção a fim de estes despertarem o interesse e se incluírem na interação. Isto pode acontecer, a partir da inclusão destas pessoas no curso das atividades em desenvolvimento, de modo a se sentirem envolvidas.

Outro ponto a ser considerado é a impossibilidade de sufoco do caráter político peculiar à sala de aula, considerando-se o grau de entrosamento interativo entre docentes e discentes, que pode ser gradualmente fraco, dependendo de como as relações entre estes se fundamenta. Isto denota, em parte, que alunos portadores de interesses, padrões e classes sociais e concepções de mundo similares às do professor, geralmente são os mais propensos a receberem privilégios, usualmente convocados para darem opiniões, compartilharem vivências pessoais, leituras em voz alta. Porém, os demais nunca devem, nem podem ser esquecidos ou ignorados, afinal de contas eles estão na sala de aula, são partícipes dela e, consequentemente, precisam ser inseridos na mesma conjuntura, a partir de metodologias específicas adotadas.

**4. A MANUTENÇÃO DAS IDENTIDADES INDIVIDUAIS VIA CORREÇÃO OU RATIFICAÇÃO DE RESPOSTAS FORNECIDAS PELOS ALUNOS NA SALA DE AULA**

O procedimento visando a corrigir ou ratificar respostas advindas dos alunos é um aspecto considerável em se querendo manter as identidades individuais no espaço da sala de aula, visto nem sempre se tratar de prática pacífica ou mesmo uma ocasião para expandir o conhecimento discente, mediante sugestão de professores, cuja preocupação se volta para uma pedagogia culturalmente sensível, competindo à escola e ao professor minimizarem as divergências, com propostas visando a superar os problemas surgidos, como se sugere em:

Uma pedagogia culturalmente sensível é um tipo de esforço especial empreendido pela escola, a fim de reduzir os problemas de comunicação entre professores e alunos, de desenvolver a confiança e impedir a gênese de conflito que se move rapidamente para além das dificuldades de comunicação, transformando-se em lutas amargas de trocas de identidade negativas entre alguns alunos e seus professores (BORTONI-RICARDO, 2005, apud ERICKSON, 1987).

Geralmente as ratificações vêm dos alunos que, similarmente, compartilham dos mesmos entendimentos dos professores, identificando-se com estes. Dessa forma, recebem olhar “especial”, fazendo a diferença em relação aos demais participantes, com especialidade nas ditas correções autoritárias, visto necessitar cumprir as exigências docentes. Este tipo de prática é influenciável, dado o fato de ocorrer em maior escala, se comparada à não autoritária, que se caracteriza por ser feita uma verificação pública e em comum acordo com os estudantes, considerando-se a relevância de suas respostas, informações, hipóteses e afins.

Registrem-se ainda as correções arbitrárias, usualmente feitas pelo professor ao aluno perante os seus colegas. Estas se marcam pelo acréscimo das opiniões docentes, em tom acima do normal, adicionando-se comentários além do que está no conteúdo, em represália, por exemplo, àquele desatento ou indisciplinado, constituindo-se mais uma punição do que mesmo uma retificação. Nesses casos, as dúvidas feitas pelos estudantes são recebidas mais como uma falha de atenção ou ainda de capacidade compreensiva, sendo tiradas com ataques verbais contra a face dos duvidosos. Surge a necessidade de se reverem as práticas, adequar-se à realidade, compreender a fase da vida, comumente visível diferencial entre as idades, mediante a seguinte colocação:

Considero que as relações entre professor, aluno, currículo e escola são relações que impõem uma convivência, tensional e contraditória, entre o sujeito que aprende e o professor que se organiza e prepara as condições para ensinar. O professor pode encontrar meios para viver a dissonância das resistências e resignações postas pelo aluno, quer atuando como desencadeador de processos de aprendizagem, quer como acompanhante das possibilidades múltiplas de retorno de sua ação. (FRANCO, 2015, p. 604).

A ideia de identidade concebida entre professor e aluno resulta das atividades interacionais entre estes, marcando-se por múltiplas referências que vão da política à noção de face, como via de mão dupla vista como tal por ambos, construída pelas relações de poder e autoridade predominantes no espaço de trabalho. Contudo, esta concepção resulta do reconhecimento da relação entre os envolvidos na sala de aula, sendo que algumas vezes, passa despercebida pelos interlocutores, possibilitando o acontecimento totalmente diferenciado em decorrência da espontaneidade interativa.

O diálogo é um dos meios que pode fazer a diferença ao se buscar promover a interação, visto possibilitar a desenvoltura natural do evento, a partir da conversação entre professores e alunos, assumindo relevante atribuição, conduzindo a conversa para o aprendizado, facilitando através de mecanismos, atividades lúdicas, dentre outras, visto que “a aprendizagem é produzida a partir da capacidade do indivíduo, integrante de sucessivas gerações (individual e coletivamente), de se apropriar de novos comportamentos que, de forma paulatina, incorpora aos demais conteúdos socioculturais da espécie”, Longhi (2008, p. 131).

Legitima-se a identidade do professor, em seu papel social, como um elemento não unitário, nem estático. A pretendida identidade dos falantes, neste contexto escolar, não surge de particularidades intrínsecas peculiares a esta categoria profissional, mas, sim, da soma de suas práticas sócio históricas pertinentes aos usuários de uma língua. Para esta abordagem, pode-se trazer a opinião de Lopes (2002, p. 13), em suas considerações sobre a pesquisa linguística, opinam que a linguagem precisa ser concebida além de uma representatividade social, devendo ser compreendida como constitutiva da vida social, afirmando que os indivíduos agem mediante “práticas discursivas específicas que os constituem em certas direções de forma situada e contingente.”

Desta forma, duas premissas são indispensáveis na configuração da identidade. A primeira delas é a sua irrefutável associação ao contexto social determinado e à atividade simultânea e colaborativa. Já a segunda relaciona-se ao método consecutivo de (re)construção do ‘self, do outro e do mundo por intermédio de práticas de inclusão sociocultural que propiciem a produção do sentido e do conhecimento. É a partir dessa atuação histórica que o sujeito se transforma e converte o seu entorno.

**5. A PRÁXIS COTIDIANA EM AULA E A PARTICIPAÇÃO DISCENTE NOS EVENTOS, MEDIANTE REGRAS ESTABELECIDAS.**

No tocante à rotina em sala de aula, prevalece o juízo, de modo geral, como uma sequência de determinadas e diversificadas ações, ocorrendo, geralmente algo que já é estabelecido e naturalizado. São várias as denominações atribuídas à rotina que envolve: cumprimento de horário, uso do tempo, sequência de ações e afins; a ela credita-se valoração, visto assegurar, de modo organizado, as atividades planejadas, objetivando situar professor e aluno no concernente ao tempo e ao espaço, permitindo ao primeiro atuar com confiança e autonomia. Porém, sugestivamente, deve-se furtar da praxe estabelecida, tornando-a flexiva, dinâmica e permissível à adaptação às situações cotidianas.

Assim se recomenda sair da rotinização mecanizada, assemelhada a um ritual, no qual se repetem as palavras de ordem, com determinações do tipo: “abram seus livros na página...”, “façam silêncio!”, “sentem-se!” e afins, tudo em ritmo lento, o que provoca a prática das conversas paralelas, desvios na atenção ou até mesmo sonolência, vindo a se tornar um problema, conforme se analisa em:

Essa rotina mecanizada em cuja consecução nem sempre o professor reflete sobre o que está ensinando, não permeada pela compreensão do raciocínio do outro, pode bloquear a criatividade e o desenvolvimento dos sujeitos nela envolvidos, promovendo relações sociais que dificultam o processo de ensino e aprendizagem. Constitui, portanto, um pseudoensino, sem intencionalidade, muito mais centrado na ação motora do aluno do que em sua aprendizagem, no qual o que professor pensa que está ensinando não é aquilo que o aluno está aprendendo. (IIJIMA; SZYMANSKY, 2015, p. 265)

No que concerne à organização do espaço, habitualmente, a disposição de mesas e cadeiras é sempre a mesma; sugestivamente poderia variar a fim de permitir melhor interação com o grupo e com professor, e, a este, melhor controle na distribuição dos turnos, permitindo ajustado contato visual e, por extensão, positivos resultados na interação face a face.

Esta opção organizacional, na qual prevalece a disposição comum das carteiras, sempre arrumadas em fileiras voltadas para o quadro e para o professor, retira parte da liberdade de o aluno interagir com os seus pares, sendo que na quase totalidade dos casos, o evento só se inicia, quando se constata o silêncio absoluto por parte da turma, em algumas situações ocorrendo fortes imposições, entre elas batidas na mesa, para a obtenção da autoridade docente e conseguir obediência. Tais imposições são aceitas pelos estudantes, dada a interação em sala ser assimétrica, praticamente unilateral, seguindo o velho dito parafraseado: “o professor aqui manda e o aluno obedece.”.

Já em se discutindo a participação dos alunos em eventos de aula e das regras estabelecidas para essa participação, propicia observar pontos favoráveis e desfavoráveis no concernente aos aspectos interativos, vendo-se as falhas relacionadas às dificuldades comunicativas e os lapsos comprometedores para o bom resultado da aprendizagem, em sua maioria, resultantes da má distribuição dos turnos de fala, dado o motivo de causarem mal-entendido, podendo ir mais longe, com incidentes conflituosos. Isso gera quebra na boa desenvoltura do processo comunicativo e, a desobediência, aparentando indisciplina, leva o professor a optar pela mudança das regras, inclusive punindo os indisciplinados, interromper a atividade ou mesmo dar continuidade, mesmo com ciência do insucesso.

A valoração do elo dialógico entre docente e discente, objetivando o êxito do aluno em sua vida escolar é vital, reconhecendo-se que ocorre a predileção do estudante por algumas disciplinas pode ser resultante, em muitos casos, resultante do fato de ele não se afeiçoar a determinado professor. Outro aspecto a ser considerado neste contexto, é o fato de a interação entre essas partes é considerável para a adaptação do aluno ao seu processo escolar. Quando acontece ao contrário a isto, prevalece o tradicionalismo, que segundo Zagury (1999 p.09), "num modelo tradicional de ensino, o professor na sala de aula ensina e dá ordens e os alunos aprendem e obedecem.".

Para o estudante, abre-se a possibilidade de aprender de uma forma cognitivo ou dentro de uma área de conhecimentos. Os professores lidam com quem estuda não só cognitivamente, mas, ainda em disposições de atitudes e habilidades; na concepção de muitos discentes, o uso da autoridade docente no intuito de discipliná-los é a única maneira de aquietá-los. Porém, provavelmente o diálogo propicia outras formas mais harmônicas visando a favorecer positivamente o relacionamento entre tais partes, defendendo-se ainda o pensamento de que este, além do favorecimento, pode atrair mais a atenção do estudante para a matéria, adicionando-se a isto a contextualização próxima da realidade vivenciada cotidianamente. Para tanto, a fim de facilitar e minimizar a problemática, fica a defesa do posicionamento que afirma: “O autêntico professor é aquele que faz uso da memória, recorda os mitos, os sonhos, as utopias e as tradições, as aprendizagens do passado, a cultura, ao mesmo tempo em que analisa o presente e projeta o futuro”, Vasconcellos (2001, p.57). A maior parcela, para a obtenção dos resultados positivos dialógicos em sala de aula, dadas as experiências de vida e ao conhecimento didático adquirido durante os anos de aprendizado, compete ao professor.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em meio a tudo o que se refere ao contexto educacional, a sala de aula é o *locus* no qual professores e alunos convivem cotidianamente, onde os sujeitos se envolvem no processo de ensino-aprendizagem, por intermédio das interações sociais mantidas entre as partes, incluindo-se os objetos de conhecimento. Entretanto, o êxito dessa construção é dependente da qualidade das relações dialógicas estabelecidas no dia-a-dia.

Ao longo das abordagens se observaram as rotinas interacionais, defendendo que estas devem estar revestidas de práticas que favoreçam efetivamente o ensino via diálogo. Para tanto, a consciência e intenção, da parte do professor, de trabalhar enriquecendo o estabelecimento de uma relação positiva entre o sujeito e os conteúdos trabalhados; reforça-se a ideia de ser a atuação docente a alavanca para despertar o interesse no aprendizado do objeto de conhecimento; é através do diálogo e da proximidade que se forma um ambiente de ensino e aprendizagem prazeroso.

Falou-se sobre os papeis sociais de professor e aluno, registrando haver maior consciência por parte do primeiro se comparado ao segundo, daí ser necessário usar essa percepção para produzir rotinas em sala de aula, promovendo um intercâmbio entre os conhecimentos, propiciando participações efetivas por parte dos estudantes. O que o docente acredita ser melhor – seu esquema de crenças – para os procedimentos de ensino, nem sempre é totalmente eficaz, precisa ser constantemente revisto, repensado. Para quem ensina, recai a tarefa de fazer uso de recursos estimulantes a fim de possibilitar um aprendizado mais dinâmico e atrativo.

No tocante à participação dos alunos, há a necessidade de estímulo a fim ser com constância interactante no processo comunicativo; as rotinas de sala de aula devem fornecer ferramentas para expandir os conhecimentos é um aspecto a ser considerado nas teorias didático-metodológicas e propostas pedagógicas; isto vai se constituir uma abertura, permitindo sobressair de aulas dominadas pela disciplina e silêncio, mas de modo interacional, permitindo perceber as rotinas de sala como eventos dialógicos e, não apenas práticas unilaterais na direção professor-aluno.

**REFERÊNCIAS**

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós cheguemu na escola, e agora? Sociolinguística & Educação.** São Paulo: Parábola, 2005.

CARDOSO, S. H. B**. Discurso e Ensino.** Belo Horizonte: Autêntica/FALE- -UFMG, 2005.

CLARK, Herbert H. **Arenas of Language** Use. Chicago: Chicago UP, 1996.

FRANCO, M. A. S. **Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações.** Educação Pesquisa**.,** São Paulo, v. 41, n. 3, jul./set. 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREITAS, S.A., TENO, N.A.C., BARBOZA, S.N.R.O. **A concepção de aula como acontecimento e as práticas de multiletramento: um discurso pedagógico polêmico.** Confluência, Nº. 51 – 2.º semestre de 2016 – Rio de Janeiro.

GERALDI, J.W. **A Aula como Acontecimento.** São Paulo: Pedro & João Editores, 2015.

IIJIMA, D.W., SZYMANSKI, M.L.S. **Relações entre rotinas em sala de aula e dificuldades de aprendizagem.** Educação Unisinos, volume 19, número 2, maio • agosto 2015.

LONGHI, Armindo José. **Ação educativa e agir comunicativo**. Caçador: Unc caçador, 2008.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. Identidades. Fragmentadas: A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **O diálogo no contexto da aula expositiva: continuidade, ruptura e integração.** Recife (Mimeo), 2004.

ORLANDI, E. A. **Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1996.

VASCONCELLOS, Celso Santos**. Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformação.** São Paulo: Libertad. 2001.

ZAGURY, Tânia. **Relação professor/aluno, disciplina e saber**. Pátio: Revista Pedagógica, 2(8), 9-12. 1999.